

# África e Brasil nos desenhos de Viviane Pasqual: novas migrações, outras imagens

Eduardo Veras

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Novos fluxos migratórios neste início do século XXI ampliaram de modo significativo a entrada de estrangeiros no Brasil. O Rio Grande do Sul consolidou-se como um dos principais destinos do país, com especial atenção, na Região Serrana, para os imigrantes provenientes do Haiti e de diferentes países da África. O destaque, porém, deve-se menos à expressão numérica dos recém-chegados do que a questões identitárias. É nesse contexto, de forte preconceito étnico-racial, que desponta com interesse – e na contramão – o trabalho de Viviane Pasqual (Caxias do Sul, 1966). Em uma série de desenhos em caneta hidrográfica, a artista produz retratos, sempre autorizados, dos senegaleses que atuam no comércio informal na Praça Dante Alighieri, no centro da cidade. Supõe esta comunicação que há um desejo, ali, de reconhecimento e celebração dessas novas presenças.

**Palavras-chaves:** migração; senegaleses; retratos; Viviane Pasqual

---

Les nouveaux flux migratoires ont considérablement élargi l'entrée des étrangers au Brésil au début du XXI<sup>e</sup> siècle. Le Rio Grande do Sul a apparu comme l'une des destinations les plus convoitées du pays, avec un accent particulier, dans la région de la Serra Gaúcha, aux immigrants en provenance de l'Haïti et de différents pays d'Afrique. L'accent, il convient de noter, est due moins à son expression numérique que à des questions d'identité. C'est, dans ce contexte de fort préjugé ethnique et raciale, qui émerge avec intérêt – et contre – le travail de Viviane Pasqual (Caxias do Sul, 1966). Dans une série de dessins au stylo marqueur, l'artiste réalise des portraits, autorisés, des Sénégalais qui travaillent dans le commerce informel sur la Praça Dante Alighieri, au centre de Caxias. On suppose, dans cette communication, qu'il y a, là-bàs, un désir de reconnaissance et célébration de ces nouvelles présences.

**Mots-clefs:** migration; Sénégalais; portraits; Viviane Pasqual

O desenvolvimento recente do capitalismo internacional tem incluído entre suas práticas mais notáveis uma nova expansão dos fluxos migratórios. Perturbações econômicas, somadas a problemas de natureza política e social, trazem à luz uma questão que, salvo exceções pontuais, vinha se mantendo algo ensombrecida. O Brasil, que recebeu perto de 5 milhões de pessoas no período que vai de 1819 até fins dos anos 1940, passando depois por longa fase de estagnação migratória,<sup>1</sup> encara – nessa primeira década e meia do século XXI – o que seria uma *retomada* na recepção de estrangeiros, conforme expressão já corrente em pesquisas acadêmicas nos campos da Geografia e das Ciências Sociais. Levantamento do ano passado, amparado nos últimos Censos do IBGE (2000 e 2010), nos registros anuais que a Polícia Federal e o Conselho Nacional de Imigração fazem desde 2007 e nos dados sistematizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, sinaliza a entrada de impressionante número de imigrantes no país: quase 2 milhões de pessoas.<sup>2</sup>

Nesse contexto, o Rio Grande do Sul, experimentou um incrível *boom* migratório. O crescimento do total de ingressantes, entre 2000 e 2010, chegou a 198,8%, sucedido pelo que se considera uma segunda leva, entre 2010 e 2014, na faixa dos 125%. O estado, que vinha de uma fase pouquíssimo atrativa para imigrantes, tornou-se um dos destinos mais prestigiados do país, graças sobretudo à fartura de oportunidades de emprego em setores das indústrias metalúrgica e moveleira, além dos curtumes e do comércio.<sup>3</sup>

Chama atenção nesse quadro a presença de imigrantes *negros*, tanto africanos quanto haitianos. Detalhe: embora não sejam os mais expressivos em termos numéricos, são eles os mais comumente identificados como *imigrantes*. Pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul revela que, no biênio 2013-14, a maior parte do *estoque migratório* sul-rio-grandense tinha origem no vizinho Uruguai, representando 36% do total de novos moradores. Em segundo lugar, vinha a Argentina, com 11% do total, e, só em terceiro, o Haiti, com 6%. Os senegaleses figuravam em 16º lugar nessa lista, correspondendo a 1% dos imigrantes recentes, atrás de, pela ordem, portugueses, italianos, alemães, chilenos, espanhóis, colombianos, japoneses, estadunidenses, poloneses, jordanianos, chineses e peruanos. Percentualmente, chegavam a ser irrelevantes os dados relativos à entrada de africanos provenientes da Angola, de Gana ou da Nigéria.<sup>4</sup> Sublinhando: malgrado os números, são sempre africanos e haitianos os mais fortemente associados a ideia de *novos imigrantes*

---

<sup>1</sup> A partir do pós-guerra e ao longo do século XX, o Brasil acolheu quase exclusivamente refugiados judeus, libaneses, sírios e palestinos. Esse fluxo é analisado em SANTOS, Mauro Augusto dos. et all. *Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

<sup>2</sup> Ver UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa*. Dissertação (Mestrado) em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

<sup>3</sup> Em números totais, a nível nacional, São Paulo é o estado que incorporou maior número de imigrantes em seu mercado de trabalho conforme levantamento estatístico do triênio 2011-2013. Percentualmente, porém, a maior expansão deu-se, pela ordem, em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. O número de estrangeiros formalmente empregados no RS teve um crescimento de 53,6% de 2001 para 2012 e de 42% de 2012 para 2013. Ver CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de; TONHATI, Tânia. *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Brasília: Observatório da Migrações Internacionais, 2014.

<sup>4</sup> UEBEL, op. cit., p. 122.

no Rio Grande do Sul – em especial na Serra Gaúcha, região que costuma vangloriar-se de sua colonização italiana.

A pesquisa citada arrola uma extensa série de indícios de xenofobia e preconceito étnico-racial que tem acompanhado haitianos e senegaleses. Algumas das manifestações recolhidas por aquele estudo do Pós em Geografia: “Estes imigrantes vão tirar nossos postos e futuras vagas de trabalho”, “Eles são bandidos e foram expulsos dos seus países”, ou ainda “Estes imigrantes vão trazer o vírus Ebola para nosso país”.<sup>5</sup> Em março de 2014, um vereador da cidade de Caxias do Sul acrescentou a essas a seguinte declaração, feita na tribuna da Câmara Municipal: “Eu não gostei nada desse pessoal vir para cá. Não vieram trazer benefício para o Brasil coisa nenhuma. Vieram trazer mais pobreza”.<sup>6</sup>

Mais recentemente, em maio de 2016, em entrevista ao jornal *O Pioneiro*, o próprio prefeito de Caxias do Sul pronunciou-se: “Vem esse bando de imigrantes, e a prefeitura tem de dar trabalho e comida pra todo mundo? Não é assim”. Para se contrapor a um manifesto em que representantes dos imigrantes senegaleses se queixavam ao Senado da falta de apoio institucional em Caxias, o mandatário ainda ponderou: “Está tudo normal [na cidade]. Esses tempos mesmo fui fazer uma intervenção cirúrgica no Hospital Pompéia e tive de esperar uma haitiana ser atendida”.<sup>7</sup> Em entrevista ao site *Novos imigrantes em Caxias*, criado por alunos do curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul, um jovem imigrante senegalês, dono de pequena gráfica expressa no centro da cidade, sintetiza o tipo de acolhida que ele encontrou na região serrana do estado: “Nunca vi tanta gente preconceituosa como vi aqui. As pessoas olham para os outros pelo dinheiro. Se tem dinheiro, é aceito como caxiense. Isso não faz bem para um país”.<sup>8</sup>

É nesse contexto de recepção à *retomada migratória* que desponta com interesse – e na contramão – uma série de desenhos, sem título, de autoria de Viviane Pasqual. A artista, que nasceu em Caxias do Sul (1966), onde também vive e trabalha, começou a retratar em 2014 os negros que vinham atuando no comércio informal da Praça Dante Alighieri, no centro da cidade, sobretudo os senegaleses [figs. 1 e 2]. Os desenhos, quase todos em caneta hidrográfica sobre papel, alguns poucos em pastel oleoso, são feitos a partir de fotografias, sempre posadas, com tomadas frontais, captadas pela própria Viviane, sempre com a anuência dos retratados.<sup>9</sup>

---

<sup>5</sup> *Ibd.*, p. 190.

<sup>6</sup> G1 RS. “Vieram trazer mais pobreza”, diz vereador sobre imigrantes no RS. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/vieram-trazer-mais-pobreza-diz-vereador-sobre-imigrantes-no-rs.html>>. Acessado em: 5 mai. 2016.

<sup>7</sup> ANDRADE, Andrei; TONETTO, Mauricio. “Vem esse bando de imigrantes e temos de dar trabalho e comida?”, diz prefeito de Caxias. 2016. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2016/05/vem-esse-bando-de-imigrantes-e-temos-de-dar-trabalho-e-comida-diz-prefeito-de-caxias-5793331.html>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

<sup>8</sup> LIMA, Duani. *Diferentes olhares sobre o preconceito*. 2015. Disponível em: <<http://jornalonline14.wordpress.com/2015/04/14/diferentes-olhares-sobre-o-preconceito-com-os-imigrantes/>>. Acessado em 20 mai. 2016.



FIG. 1 | Viviane PASQUAL, Sem título, 2014-16  
Caneta hidrográfica sobre papel, 59 x 42 cm, Acervo da artista

<sup>9</sup> A primeira exibição desses desenhos, em caráter informal, foi realizada na própria Praça Dante Aligheri, em Caxias do Sul. Viviane Pasqual estendeu uma linha e dependurou os retratos ao longo de uma tarde. Diz a artista que a repercussão se deu de forma bastante modesta. Nem mesmo os imigrantes, na avaliação dela, pareceram muito interessados. A apresentação, porém, ampliou os contatos da artista e rendeu novos retratos. Adiante, ela fez uma segunda exposição na Universidade de Caxias do Sul, anunciando que toda a renda obtida pela venda dos desenhos seria revertida para a Associação dos Senegaleses de Caxias do Sul. No entanto, a artista não vendeu nenhum trabalho. Em 2016, ela mostrou novos retratos na exposição *O avesso do avesso do avesso do avesso*, em que exibiu obras recentes ao lado da também artista Mara De Carli, na Galeria Gerd Bornheim, e na individual *Bordados, desenhos e placas*, no Museu do Trabalho, em Porto Alegre. Essas duas exposições tinham curadoria do autor desta comunicação.



FIG. 2 | Viviane PASQUAL, Sem título, 2014-16  
Pastel oleoso sobre papel, 59 x 42 cm, Acervo da artista

O desenho, malgrado o esquematismo e as deformações tão marcantes, próprias de Viviane Pasqual, não é exatamente caricatural. A artista não distorce por gosto. Ela trabalha sempre a partir da observação do mundo e dos acontecimentos, reelaborando o que vê a partir de uma ótica pessoal, essa, sim, meio torta e muito singular. Suas limitações representativas, sua incompreensão das convenções da perspectiva e sua interpretação pessoal da anatomia humana – tosca, digamos – asseguram o que seria o sabor mesmo e a força de sedução dessas imagens. Alguém, com pertinência, haveria de objetar que há, ali, uma deturpação demasiada. Os personagens resultam algo *feios*;

seus traços, desproporcionais. Viviane, porém, posiciona-se no extremo oposto das ilustrações do século XIX que tantas vezes trataram os negros de forma grotesca ou jocosa. Prevalece, no caso de seus retratos de senegaleses, uma inclinação afetiva. O depoimento da artista, rememorando seus primeiros contatos com os novos imigrantes, reitera essa disposição: “Era muito emocionante ver aqueles homens negros, magros e muito altos andando por Caxias. Eu sempre tinha a impressão de que estava vendo reis. Comecei a cumprimentar, e a devolução era sempre muito simpática e sorridente, coisa rara por aqui”.<sup>10</sup>

O artista Jailton Moreira, que foi professor de Viviane no Torreão, em Porto Alegre, e acompanhou sua trajetória ao longo de quase 20 anos, rejeita as percepções iniciais, bastante comuns, de que sua obra teria algo de *naïf* ou ingênuo. Ele ressalta, por exemplo, a sofisticação do leque de referências da artista – como se comprova no livro *Vivi uma história da arte*, no qual ela comenta visualmente diferentes momentos da História da Arte no Ocidente, de Caravaggio [fig. 3] a Marina Abramovic, de Gustav Klimt a Helio Oiticica.



FIG. 3 | Viviane PASQUAL, *Caravaggio*, 2013  
Caneta hidrográfica sobre papel, Acervo da artista

<sup>10</sup> Em entrevista ao autor, por e-mail, em 31 de março de 2016.

Supõe Jailton que Viviane Pasqual seria uma espécie de *outsider*, que escapa das categorizações oficiais.<sup>11</sup> Seu trabalho tem circulado apenas regionalmente, em Caxias e Porto Alegre. Embora tenha participado da oitava edição da Bienal do Mercosul, em 2011, e tenha feito recentemente uma individual no Museu do Trabalho, ela permanece uma artista algo à margem, inclassificável, difícil de alinhar com seus pares contemporâneos.

A propósito dos retratos de imigrantes senegaleses em Caxias, talvez valesse a pena arriscar algumas comparações algo anacrônicas com representações do negro no Brasil já inscritas em nossa História da Arte. Caso, por exemplo, de um Rugendas. Com sorte, malgrado as distâncias formais e temporais entre os dois artistas, e as distintas condições de imigração e trabalho dos retratados (uns movidos por promessas financeiras, outros trazidos à força, escravizados aos tempos da grande diáspora africana), uma aproximação desse tipo poderá estimular o debate em torno da memória – e do presente – da violência e do preconceito étnico-racial, bem como suas possibilidades de representação ou de inscrição no campo da arte.

Os desenhos de Viviane teriam alguma sorte de equivalência, se quisermos, com a série de cinco pranchas litográficas que Rugendas fez gravar em 1835 pela Casa Engelmann de Paris para o seu álbum *Viagem pitoresca ao Brasil*. Ali, o artista viajante, que viera da Alemanha para integrar a Expedição Langsdorff em 1822, assume um olhar minucioso, de pretensões científicas, a fim de criar uma tipologia de dez diferentes etnias que ele pôde observar no Rio de Janeiro. Nas gravuras, cada um dos 21 personagens retratados aparece identificado pela sua cultura de origem: Benguela, Congo, Cabinda, Quiloa, Rebolo, Mina, Moçambique, Crioulo, Angola e Monjolo. Conforme anotam Pablo Diener e Maria de Fátima Costa no catálogo *raisonné* das visitas de Rugendas ao Brasil, o artista teve o cuidado de registrar esses homens e mulheres “[...] perfeitamente individualizados, tanto no que se refere aos atributos próprios de cada povo, como cortes de cabelo e penteados, tatuagens étnicas e, às vezes, colares e brincos, quanto aos traços singulares de cada pessoa”. Enfatizam Diener e Costa: “São, pois, retratos, e não simples representações genéricas”.<sup>12</sup>

Da mesma forma, Viviane Pasqual – sem o virtuosismo representacional de um Rugendas – faz questão de singularizar cada um de seus retratados. Não são, também no caso da artista caxiense, representações genéricas. Os indivíduos desenhados têm nomes, que ela apõe junto ao desenho: Diba, Toubandiaye, Cheikh Mbar, Awa, Edson [fig. 4]. Cada um vai representado com os trajes que vestia naquele momento e, se for o caso, com as mercadorias que comercializava, ou, no caso de Edson, com a revista que distribuía, das Testemunhas de Jeová. Viviane também assinala o dia, o mês e o ano de cada encontro (a data ali reproduzida não corresponde à da execução do desenho, mas, antes, ao dia da fotografia e da conversa na Praça Dante Alighieri). Há um desejo, suponho, de registrar o encontro em si.

<sup>11</sup> MOREIRA, Jailton. Uma história é uma história é uma história. In: PASQUAL, Vivi. *Vivi uma história da arte*. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2013, p. 216-217.

<sup>12</sup> DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012, p. 464.



FIG. 4 | Viviane PASQUAL, Sem título, 2014-16  
Caneta hidrográfica sobre papel, 59 x 42 cm, Acervo da artista

Aqui valeria destacar uma distância maior entre os desenhos de Viviane e as gravuras de Rugendas. A *Viagem pitoresca ao Brasil* registra, no texto que acompanha as imagens, que o viajante havia percebido no Brasil a possibilidade de conhecer uma grande diversidade de indivíduos de diferentes nações africanas. Na própria África, ele ponderava, seriam necessárias “longas e perigosas viagens” para compor uma imagem

“tão caleidoscópica” da população daquele continente.<sup>13</sup> Ora, Viviane não almeja uma tipologia desse tipo. Não há caleidoscópio no seu horizonte de interesses. Não há espírito cientificista. Não há vontade de mapeamento étnico do outro. O que ela busca, de fato, é a celebração da presença: a compreensão do encontro como fenômeno singular – único – que se inscreve como acontecimento na vida cotidiana.

Nem todos os desenhos da série, porém, correspondem a retratos. Caberia, aqui, com um pouco mais de tempo, a comparação com Debret, o artista francês que representou em sua viagem pitoresca, entre outras cenas, o dia a dia dos escravos na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro.

No caso de Viviane, há alguns desenhos em que os senegaleses aparecem na cidade, em deslocamento, inseridos entre letreiros e anúncios. Em nenhum momento, eles surgem vitimizados, embora, como já referi no início desta comunicação, não estejam livres de agressões e preconceitos os mais diversos, nem sempre dissimulados.

Gostaria, por fim, de destacar dois desenhos em que Viviane Pasqual, pelo humor, parece acrescentar novas camadas de sentido a sua série de desenhos.

Em um deles, ironiza seu próprio método. No retrato de 7 de abril de 2014, um ganês e um senegalês, cobrem os próprios rostos com as mãos, enquanto a legenda anuncia: “No photo!” [fig. 5].

Em outro desenho, Viviane imagina que a Rainha da Festa da Uva em 2032 será uma mulher negra. Na legenda lateral, ela destaca a “Beleza da Mulher Ítalo-Brasileira-Africana”.<sup>14</sup>

Aqui, valeria uma comparação com o célebre óleo *Redenção de Cam*, que o artista espanhol Modesto Brocos pintou no Rio de Janeiro em fins do XIX. Nessa tela, que acompanhou o médico e antropólogo João Batista de Lacerda como delegado oficial do Brasil no Congresso Universal das Raças, realizado em 1911, na Universidade de Londres, o artista sintetizava a tese do progressivo branqueamento da população brasileira: a avó, negra, presumidamente uma escrava já liberta, saudava aos céus o quanto seu neto, ainda bebê, já parecia branco. Onde Brocos celebrava o branqueamento pela mestiçagem, Viviane, a meu ver, festeja a possibilidade de um enegrecimento. A rainha da festa da uva, com seus olhos verdes, permanece, na aparência, uma mulher negra [fig. 6].

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 464.

<sup>14</sup> Para compreender a importância e a consolidação da Festa da Uva de Caxias do Sul como evento identitário e celebrativo da colonização de matriz italiana, ver RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa e identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: UCS, 2002.



FIG. 5 | Viviane PASQUAL, Sem título, 2014-16  
Caneta hidrográfica sobre papel, 59 x 42 cm, Acervo da artista



FIG. 6 | Viviane PASQUAL, *Rainha da Festa da Uva 2032*, 2014  
Caneta hidrográfica sobre papel, 59 x 42 cm, Acervo da artista

Mantenho alguma dúvida sobre se essa série de desenhos chega a romper, ou não, com o que seria uma visão exótica sobre o negro.<sup>15</sup> De qualquer forma, acredito que os

<sup>15</sup> A persistência de um certo exotismo em representações do negro no Brasil moderno e contemporâneo tem sido discutida em maior profundidade por Roberto Conduru. Sugere o autor que, mesmo em artistas sinceramente interessados em questões afrodescendentes, como Cecília Meirelles, o enfoque seria, em boa parte, “[...] estimulado e filtrado pela valorização europeia das culturas entendidas então como primitivas”. Uma superação desse exotismo viria a partir de artistas afrodescendentes que teriam tomado para si a tarefa de misturar a cultura afro e as referências da arte ocidental. O caso paradigmático seria o do pintor Rubem

desenhos possam estimular, em meio a tanto preconceito, tanta repulsa e até perseguição, a possibilidade de se pensar e discutir, a partir do campo da arte, a presença desses imigrantes e seus modos de inserção na realidade brasileira. E que a presença desses imigrantes – evocada por desenhos como esses – possa abrir novas perspectivas de abordagem sobre a condição dos afrodescentes no país, a memória e os esquecimentos ligados a nosso passado escravocrata.

Concluiria com uma citação de Achille Mbembe, pensador camaronês ligado aos estudos pós-coloniais e ainda escassamente traduzido para o português. Ao definir o que seria o *afropolitanismo*, o autor compara:

A questão não reside unicamente no fato de que existe uma parte da história africana alhures, *fora da África*: existe também uma história do resto do mundo da qual os negros são, pela força das circunstâncias, os agentes e os depositários. De resto, o seu modo de estar no mundo sempre se pautou sob a marca, se não da miscigenação cultural, pelo menos da *imbricação dos mundos* (...). A consciência dessa imbricação, do aqui e do alhures, a presença do alhures aqui e vice-versa, essa relativização das raízes e as filiações primárias e essa maneira de acolher, com pleno conhecimento de causa, o estranho, o estrangeiro e o longínquo, essa capacidade de reconhecer a sua face no rosto do estrangeiro e de valorizar os traços do longínquo no propínquo, de domesticar o in-familiar, de trabalhar aquilo que se aparenta inteiramente a uma ambivalência – é essa sensibilidade cultural, histórica e estética que assinala adequadamente o termo afropolitanismo.<sup>16</sup>

É algo dessa *imbricação de mundos* – dessa capacidade de reconhecer a própria face no rosto do estrangeiro – que suponho encontrar nos desenhos de Viviane Pasqual.

---

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Andrei; TONETTO, Mauricio. “Vem esse bando de imigrantes e temos de dar trabalho e comida?”, diz prefeito de Caxias. 2016. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2016/05/vem-esse-bando-de->

---

Valentim, que recorreu a elementos figurativos oriundos do candomblé para construir suas composições identificadas à pintura concreta brasileira. Ver CONDURU, Roberto. *Pérolas negras, primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio Janeiro: EdUERJ, 2013, p. 312-313.

<sup>16</sup> MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Angola: Edições Mulemba, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014. p. 184.

imigrantes-e-temos-de-dar-trabalho-e-comida-diz-prefeito-de-caxias-5793331.html. Acesso em: 10 mai. 2016.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de; TONHATI, Tânia. *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Brasília: Observatório da Migrações Internacionais, 2014.

CONDURU, Roberto. *Pérolas negras, primeiros fios: experiências artísticas e culturais nos fluxos entre África e Brasil*. Rio Janeiro: EdUERJ, 2013.

DIENER, Pablo; COSTA, Maria de Fátima. *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara, 2012.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

G1 RS. "*Vieram trazer mais pobreza*", diz vereador sobre imigrantes no RS. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/03/vieram-trazer-mais-pobreza-diz-vereador-sobre-imigrantes-no-rs.html>>. Acessado em: 5 mai. 2016.

LIMA, Duani. *Diferentes olhares sobre o preconceito*. 2015. Disponível em: <<http://jornalonline14.wordpress.com/2015/04/14/diferentes-olhares-sobre-o-preconceito-com-os-imigrantes/>>. Acessado em 20 mai. 2016.

MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Angola: Edições Mulemba, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, 2014.

PASQUAL, Vivi. *Vivi uma história da arte*. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2013.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Júlio. *Festa e identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: UCS, 2002.

SANTOS, Mauro Augusto dos. et al. *Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias*. Belo Horizonte: UFMG / Cedeplar, 2010.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. *Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o Rio Grande do Sul no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa*. Dissertação (Mestrado) em Geografia. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.